

Na encruzilhada entre história e literatura:

biografias de Nelson Mandela

Cristiane Mare da Silva¹

Resumo: Este artigo é fruto da minha dissertação de mestrado intitulada, *A Poética da Esperança: Sentidos Políticos nas Memórias de Nelson Mandela*. Através da produção de/sobre este líder, ouvir vozes das vidas de homens e mulheres africanos que, em quase um século de vida, puderam presenciar e participar da luta por sua emancipação e conquista de dignidade e humanidade daqueles. A possibilidade de trazer a subjetividade para o centro da pesquisa, como os vários enlaces de toda produção que teve como finalização o livro enquanto material, possibilita a diferentes estudiosos a oportunidade de trabalhar com ferramentas, cujo foco está nestes diversos – enunciados e identificações multifacetadas de uma escrita moderna –. Organizar vozes por vezes contraditórias, presentes na biografia e analisá-las com o cuidado necessário de todo documento, apresenta-se como um estímulo ao mesmo tempo em que nos aponta para os limites de uma pesquisadora, pois trabalha, invariavelmente, com formas de representação e subjetividades.

Palavras-chave: Nelson Mandela, Biografias, Luta Anti-apartheid, África do Sul

Resumen: Este artículo es fruto de mi disertación de maestría, *La Poética de la Esperanza: Sentidos Políticos en las Memórias de Nelson Mandela*. A través de/sobre este líder, oír voces de las vidas de hombres y mujeres africanos que, en casi un siglo de vida, pudieron presenciar y participar de la lucha por su emancipación y conquista de dignidad y humanidad. La posibilidad de traer la subjetividad para el centro de la pesquisa, como los varios momentos de toda producción que tuvo como finalización el libro mientras material, posibilita a diferentes estudiosos la oportunidad de trabajar con herramientas, cuyo blanco está en los diversos – enunciados e identificaciones multifacetadas de una escrita moderna –. Organizar voces por veces contradictórias, presentes en la biografía y analizarlas con el cuidado necesario de todo documento, se presenta como un estímulo al mismo tiempo en que apunta para los limites de una pesquisadora, pues trabaja, invariablemente, con maneras de representación y subjetividades.

Palabras clave: Nelson Mandela, Biografías, Lucha Anti- apartheid, África do Sul

En el cruce entre la historia y la literatura: Las biografías de Nelson Mandela

¹ Mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em história social, pesquisadora associada do núcleo de estudos Cecafo e Neab - Udesc. Sócia, da associação brasileira de pesquisadores negros. cristiane.mare.silva@gmail.com

Vou manter nossa promessa: nunca, jamais, em quaisquer circunstâncias, falaremos alguma coisa imprópria sobre o outro... O problema, claro, é que os homens mais bem-sucedidos têm um pendor para alguma forma de vaidade. Em certo estágio da vida, eles se permitem ser egoístas e alardear publicamente suas espetaculares realizações.

A que belo eufemismo de autoelogio a língua inglesa evoluiu! Chamam a isso autobiografia (MANDELA. 2010, p.28).

Nelson Mandela nasceu em 18 de julho de 1918, na localidade de Mvezo, em Transkei, quando a Primeira Guerra Mundial chegava ao fim, mantendo-se na vida pública quando o mundo celebrava meio século da Declaração Universal Dos Direitos do Homem. Fez a travessia para o mundo ancestral de povos africanos em 05 de dezembro de 2013, em Joanesburgo, tendo à maior parte de seus noventa e cinco anos de vida devotadas à luta pelos direitos humanos.

Este líder sul africano nos inspira, na medida em que seus discursos, narrativas, comentários e ressignificações de suas tradições, advêm da reelaboração contínua de suas experiências e provocam repercussões. Configura-se como ator político na medida em que enfrenta a epistemologia ocidental e sua teoria política, pois foi um governante que articulou narrativas de descolonização, sua figura abala o imaginário eurocêntrico sobre o continente africano, já que sua existência desmente a não importância da África, no contexto político contemporâneo, assim como aponta, para a valorização de tradições e sistemas políticos africanos.

Em lutas contra a desigualdade, Mandela representa símbolo de integridade, humanidade e antes de tudo, da luta pelo direito de tornar-se humano. Representa a capacidade de um líder, mesmo vivendo em situações de profundas desigualdades e violências constituídos pelo Regime do Apartheid, foi capaz de propor diálogos entre adversários, pontes que permitiram à nação sul-africana reconstruir-se com um projeto de futuro. Protagonizou uma reviravolta na ideia de humanidade, ao humanizar seus opressores, em tempos de reconciliação. Sua imagem permanece viva no século XXI, seja em emblemáticas camisetas, em letras de samba enredo, como as das escolas Porto da Pedra (*Preto e Branco à Cores/2007*), e da Imperatriz Leopoldinense (*Um Ritual de Liberdade/2015*

Logo, as imagens e legado de Nelson Mandela, presentificam-se em biografias, documentários, filmes, corpos e vozes dispersos de africanos e seus descendentes. Inspiração é o ritmo que nos versos do samba enredo, da escola Porto da Pedra 2007, “Preto e Branco à Cores”:

O nosso herói Mandela é
Senhor da Fé, clamou o povo
E o Tigre encontra no Leão
A maior inspiração de um mundo novo

Compreendemos sua importância e magnitude “*na inspiração de um novo mundo*”, na medida, que desvelamos o que significou o Regime do Apartheid. No sul do mundo, a partir do final do século XIX primórdios do colonialismo em África, mas, igualmente poderíamos remeter a descoberta da América, como ato fundador, nos termos propostos por Anibal Quijano, europeus e seus descendentes utilizaram a raça como principal parâmetro para distribuição de status, prestígio e poder.

Ao longo do século XX, a história da África do Sul foi marcada por segregações, desde 1910, com a formação da União Sul Africana², consagrando o direito de tutela da raça branca sob a população negra, pois não reconheciam os africanos nativos como cidadãos humanos.

Seguido pelo Ato da Terra de 1913, dividindo o território entre a minoria branca e as comunidades compostas pela população negra: “os dois terços da população compostas por negros ficaram com 7,5% das terras. A minoria branca abocanhava nada menos que 92,5%. Um negro só podia viver fora de suas terras se estivesse empregado em propriedades brancas” (NETO, 2010, p.49). Nos anos seguintes, outros atos de destituição de direitos foram implementados, sempre tendo como princípio o privilégio da população branca sobre as populações nativas, provocou a declaração política da Liga da Juventude do ANC,

Em 1936 a última porta para a cidadania foi fechada na cara dos africanos pelo Ato da Representação dos Nativos, que nos deu três homens brancos para representar oito milhões de africanos, em um Parlamento onde 150 representava

² Em 1910, na sequência da Guerra Anglo-Bôer de 1899-1902, os brancos dos quatro territórios-Cabo e Natal (antes britânicos), e Transvaal e Estado Livre de Orange (antes Bôer)- Uniram-se para formar a União da África do Sul, sob o comando da Coroa Britânica (IDAF,1989.36)

dois milhões de brancos. Ao mesmo tempo, um Ato da Terra foi aprovado para garantir que, no caso de o Ato da Terra de 1913 ter deixado alguma lacuna que pudesse ser usada pelos africanos, o Ato da Terra e Custódia dos Nativos a preenchesse, em nome do “humanitarismo e da civilização Moderna (IDAF,1989.38).

Todavia, apesar de todas as proibições já implementadas, o ano de 1948 representou um marco na organização constitucional do racismo, pois a partir da vitória do Partido Nacional, com o líder Daniel François Malan, ocorreu a institucionalização do regime segregacionista. Portanto, se na Europa havia motivos para comemorar a queda de Hitler e de Mussolini, no continente africano, em especial na África do Sul, Malan com a vitória da “supremacia branca” restaurou políticas nazifascistas na África, esta política racial receberia o nome de apartheid, resultando em conjunto de leis, condições de vida e negação de direitos; em 1949 a proibição de casamentos inter-raciais, a obrigatoriedade de portar os passes (registros similares a um passaporte), para poder circular nas cidades; em 1950 teriam a proibição das relações sexuais entre brancos e negros, o governo proíbe partidos que se opunham a seu governo e a criação de áreas exclusivas para brancos; em 1951, criação dos “bantustões”³; 1953, foi proibido o uso coletivo de locais públicos, como banheiros, bebedouros, praias e instituído um sistema de ensino especialmente para a população negra; a partir de 1971, os habitantes dos bantustões se tornaram imigrantes em seu próprio país, pois lhes foi proibida a cidadania sul-africana.

Frantz Fanon, Angela Davis, Kabengele Munanga, Achille Mbembe, cada um em seu tempo, compreenderam que a separação e a limitação ou negação total de direitos tornou-se a regra em estados coloniais. Ao fundamentarem seu poder em dimensão racial fantasmagórica e de extrema violência, criando uma produção ilusória na invenção do Branco e do Negro, inventaram um desenvolvimento epistemológico pilar na manutenção do Apartheid. Kabengele Munanga, reflete sobre o sentido do Apartheid e suas consequências em: *Algumas considerações sobre “raça” Ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos*,

³ Espaços onde negros podiam residir e supostamente ter propriedades. Formando bolsões negros como se fossem nações separadas, mas dependentes, em 1958 no projeto de uma África do Sul 100% branca, estes territórios ganham independência (NETO, 2010.51)

O apartheid existia como demonstração da radicalização do racismo sem lançar mão da palavra raça. Com efeito o apartheid é uma palavra do afrikans e recebeu a definição ideológica de um projeto de desenvolvimento separado, com a finalidade de preservar a riqueza cultural e as identidades étnicas dos povos da África do Sul. Em nome do respeito às identidades e às diversidades culturais, foi implantado na África do Sul um regime segregacionista que durante meio século confiscou os direitos fundamentais, políticos e sociais da maioria da população (MUNANGA, 2006, p.53).

Neste trabalho, como parte de busca de registros destas experiências, focou-se em estudo de biografias publicadas, tornadas documentos, que podem conter pontes de como Nelson Mandela transformou-se em protagonista chave na travessia política do Regime do Apartheid para a Democracia, em seu país e sua representação nestas narrativas biográficas.

No encontro entre as filhas de Zeus e Mnemosine, história e literatura se articularam, para apreender a complexidade das narrativas biográficas. Pois, se a biografia tem ganhado público cada vez mais interessado na vida e nas singularidades de celebridades do mundo pop, de políticos e intelectuais, também a história, assim como a própria literatura, tem reabilitado uma prática que nunca esteve em desuso: a Biografia e Autobiografia. Incorporada pela história, como documento, em que, através da escrita de sujeitos históricos, é possível contextualizar um determinado período, refletir sobre detalhes do cotidiano; já para a literatura, resgatada como gênero literário, assim comenta Compagnon,

Após o estreitamento que sofreu no século XIX, a literatura reconquistou desse modo, no século XX, uma parte dos territórios perdidos: ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados (COMPAGNON, 2010, p.34).

Igualmente a literatura possibilita o aporte necessário para a compreensão da diferença cultural, através da representação e da ficção, apontando-nos para conflitos, negociações, enfrentamentos, dentro de estruturas hegemônicas e reconstruções de modos de existência. Para Homi Babha, *A Literatura do Reconhecimento*, permite colisões que resultam em sobrevivência de passados, antes reconhecidos tão somente, dentro da narrativa de seus vencedores: “Tais

formas de existência social e psíquica podem ser melhor representados na tênue sobrevivência da própria linguagem literária que permite à memória falar. (BABHA, 1998, p.32)

Destarte, a arte através de sua linguagem, remete para além do que as narrativas biográficas e autobiográficas de Mandela, contêm ou “controla”, enquanto conteúdo. Revelam o que se torna tão importante quanto às metáforas produzidas, entre o significado singular e o significado da sua comunidade, ademais da licença poética que a ficção assume ao adentrar nos passados silenciados, não representados, que assombram o presente histórico (BABHA,1998). Frente às produções sobre biografias, contamos com obras de Vavy Pacheco Borges, Angela de Castro Gomes, Sabina Loriga, que dentro do campo da história vêm analisando essas narrativas como documento e testemunho histórico.

As obras biográficas são narrativas produzidas a partir de bilhetes, cartas, diários, compondo, ao longo da década de 1980 e de 2000 mil, as principais obras e documentários sobre sua trajetória. Estas escritas sensíveis e ordinárias emergem em minha pesquisa, tendo a escrita biográfica como as principais fontes do meu trabalho. Por conseguinte, o que tem me instigado não é a tradução do que verdadeiramente ocorreu como a ilusão de um romance realista, porém o ofício de investigar em leituras e pormenores do mundo de Mandela, que se tornou o homem do século XX.

Deste modo, trabalhando narrativas biográficas essa pesquisa histórica, tem como desafio, através da escrita de Nelson Mandela, ouvir vozes das vidas de homens e mulheres africanos que, em quase um século de vida puderam presenciar e participar da luta por emancipação e humanidade daqueles corpos. A possibilidade de trazer a subjetividade do sujeito para o centro da pesquisa, como os vários enlaces de toda produção que teve como finalização o livro enquanto material possibilita a historiadores a oportunidade de trabalhar com ferramentas, cujo foco está nestes diversos – enunciados e identificações multifacetadas de uma escrita moderna –. Organizar vozes por vezes contraditórias, presentes na biografia e analisá-las com o cuidado necessário de todo documento, apresenta-se como um estímulo ao mesmo tempo em que nos aponta para os limites do pesquisador, pois trabalha, invariavelmente, com formas de representação e subjetividades. De acordo a Sabina Loriga,

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiência no campo da história atenta ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico (LORIGA, 1998, p. 225).

Oriundo do grego, a palavra biografia encontrou alicerce na sociedade ocidental moderna, ao assumir também a celebração do indivíduo. Hoje, a escrita de si, encontra-se entre as obras mais procuradas, por motivos que vão desde a vida como espetáculo, às pormenorizações do sujeito, em tentativas de humanizar figuras simbólicas e evidenciar o quanto sua vida pode assemelhar-se a do leitor. Inúmeras são as aproximações entre este relato de vidas e seu público; também são plurais as técnicas de escrita para a elaboração deste documento, o estilo discursivo do biógrafo, as fontes apresentadas, o modo como enreda as suas narrativas. Todos esses elementos são profundamente significativos e foram levados em conta.

Ao ler as páginas cuidadosas do *Retrato Autorizado*, cujo autor pormenoriza as misérias e infortúnios das escolhas de Nelson Mandela, e como elas marcaram sua vida cotidiana, suas relações familiares, somos levados ao âmago da sua vida humana, com tudo aquilo a que estamos expostos na fragilidade da conduta de nossas vivências. Porém, são nesses fragmentos que Mandela me parece mais grandioso, pois nos aponta para o sujeito e o peso de suas escolhas. Assim ele reflete sobre sua infância e a prisão, em trecho de uma carta escrita a irmã, quando estava em Robben Island

Minha querida Sisi, April, 1971

Mas por que sinto tantas saudades suas? Tem horas que meu coração quase para de bater, tamanho é o peso da saudade. Sinto a sua falta, de Umqkezo e das pessoas daí. Sinto falta de Mvezo, onde nasci, e de Qnu, onde passei os primeiros dez anos de minha infância (MANDELA in NICOL, 2007, p.18).

Por vezes Mandela evidencia o seu passado, sua infância, a ausência que sentira de sua mãe, do quanto poderia ter lhe oferecido uma vida mais confortável, sempre lembrando de um casamento que se viu em suspenso por 27 anos, evidenciando como a política em sua vida significou perder o nascimento e crescimento de seus filhos. Foragido e exilado em seu próprio país, ainda viveu por algum tempo entre esconderijos, sombras, reuniões e articulações políticas.

Não foi uma época fácil. Mandela sentia desesperadamente falta de sua família e estava constantemente mudando de um apartamento vazio para uma casa segura. Tornara-se um homem das sombras, escondido durante o dia, saindo precipitadamente na escuridão para reuniões e encontros políticos (NICOL, 2007, p.102).

Havia outras trajetórias possíveis para Nelson Mandela, contudo, guiou-se pela esperança que um novo mundo seria possível. Para ele, este novo mundo não seria realizáveis dentro das hierarquias raciais propostas pelo regime. Assim, fica-nos a escolha entre narrar sobre seus feitos e grandiosidades ou trazer a sua sofrida humanidade. Em carta para sua irmã Sisi se interroga sobre sua condição de prisioneiro onde, nem se quer honrar e prestar mitos aos mortos seria possível. Nas suas palavras: “Você sabe o quanto devo a ela e ao chefe? Mas como e com quem pode um prisioneiro saldar uma dívida aos mortos?” (NICOL, 2007, p.18). Ademais da ausência da família, nos anos de exílio, tinha que agenciar disfarces para que pudesse seguir com seu percurso político,

Ele adotou vários disfarces: acrescentou cabelos compridos á barba, usou óculos sem armação. Algumas vezes foi um jardineiro, passando despercebido em seu macacão de trabalho azul; outras vezes foi um motorista, usando um quepe e um longo casaco branco. Mas todo o cuidado era pouco (NICOL, 2007, p.102).

No prefácio dessa mesma biografia, foi o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, africano nascido em Gana, que nos brinda com sua escrita densa, onde sua fala se mescla a memórias e discursos de Madiba. Somos levados, através de seu texto, a participar de suas descrições e dramatizações. Kofi Annan iniciou a sua narrativa afirmando: “Nunca me esquecerei do último discurso que Nelson Mandela pronunciou na Assembleia Geral das Nações Unidas antes de se retirar da presidência da África do Sul” (ANNAN. In Prefácio: NICOL, 2007).

Aquelas palavras pronunciadas por Mandela e reabilitadas por Koffi Annan, são comoventes, representando-o como um prefaciador que, ao mesmo tempo, é expectador na Assembleia das Nações Unidas, e nos torna, enquanto leitores, testemunho de sua ação. Sendo assim, também alcançamos compartilhar da sabedoria e magnitude de Nelson Mandela, líder sul-

africano que conduziu a sua vida política e construiu uma reelaboração de suas duras e impactantes experiências de lutas antirracistas. Foram de seus valores e tradições que emergiram das profundas lembranças de sua infância, relatos vinculados a memórias reatualizadas em um contínuo amadurecimento de sua intelectualidade. A consciência de si através do outro, das culturas tradicionais africanas, também se configura nos conflitos oriundos da segregação, conforme elaborou em seu fazer político, como um profundo exercício de reflexão, que lhe fez singular.

Nascido quando a Primeira Guerra Mundial chegava ao fim, e deixando a vida pública quando o mundo celebra meio século da Declaração Universal dos Direitos do Homem, alcancei aquele trecho da longa jornada onde me é concedida a oportunidade, como o deveria ser a todos os homens e mulheres, de me retirar para o descanso e a tranquilidade do vilarejo do meu nascimento (MANDELA: In NICOL,2007).

Os Caminhos de Mandela Lições de vida, Amor e Coragem, cujo biógrafo foi o autor Richard Stengel, publicado em 2010, também pela Editora Globo, contém capítulos emblemáticos, retirados de fragmentos de diálogos de Mandela, totalizando quinze capítulos, em que surpreendemos um protagonista demasiadamente humano com suas complexidades, contradições e medos.

Ele é enorme. Realmente contém multidões. E com frequência se contradiz. Sabe que a consistência por si só é uma falsa virtude e que a inconsistência não é automaticamente uma falha. Sabe que os seres humanos são criaturas complexas e que as pessoas têm uma miríade de razões (STENGEL, 2010, p.207).

Stengel, em sua introdução, conta-nos como fora conviver, anos de sua vida, ao lado de Nelson Mandela: “Colaborei com Nelson Mandela na sua autobiografia. Trabalhamos juntos por quase três anos, e durante grande parte desse tempo o vi quase diariamente. Viajei com ele, fizemos refeições juntos, amarrei seus sapatos” (STENGEL, 2010, p.16). Das biografias analisadas, Stengel foi o único autor a colocar-se como referencial, ao permitir a exposição não apenas do sujeito que é parte da narrativa, porém deste que à produz e organiza. Como

considerou Vavy Pacheco Borges “Penso que as melhores biografias são aquelas em que o autor não só não se esconde, mas constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa” (Borges, 2006, p. 218).

O autor abre o livro com o prefácio do próprio biografado datado de novembro de 2008, onde Mandela fala da habilidade da escrita de Richard Stengel “Ele é um excelente escritor, com um profundo conhecimento da nossa história. Somos muito gratos a ele por sua colaboração na criação de *Long walk to freedom*” (MANDELA *apud* STENGEL, 2010). As observações de Mandela expressam que Stengel compreendeu o conceito bantu, conhecido como ubuntu

Na África existe um conceito conhecido como ubuntu o sentimento profundo de que somos humanos somente por intermédio da humanidade dos outros; se vamos realizar qualquer coisa neste mundo, ela será devida em igual medida ao trabalho e às realizações dos outros. Richard Stengel é uma dessas pessoas que facilmente compreendem essa idéia (STENGEL, 2010).

Outro apontamento importante quanto ao modo de pensar do estadista Xhosa, remete a uma metodologia que o distanciava da estruturação binária de ver o mundo, que constitui o Ocidente e do qual Stengel organizava as perguntas para Mandela

Logo no começo percebi que isso o frustrava porque, para Mandela a resposta é quase sempre “ambos”. Nunca é tão simples quanto “sim” ou “não”. Ele sabe que a razão por trás de qualquer ação raramente é clara. Não há respostas simples para perguntas mais difíceis. Todas as explicações podem ser verdadeiras. Todo problema tem várias causas, não apenas uma. É a forma como Nelson Mandela vê o mundo (STENGEL, 2010, p. 209).

Em *Conversas que tive Comigo*, biografia produzida pela Fundação Nelson Mandela em 2010, e publicada pela editora Rocco⁴, com prefácio do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. A publicação chama atenção para uma escrita que nos remete a uma narrativa por vezes próxima a poética política de um texto literário. Com empregos de conotação⁵, em que as

⁴ Os membros da equipe foram Sello Hatang, Anthea Josias, Ruth Muller, Boniswa Nyati, Lucia Raaadschelders, Zanele Riba, Razia Saleh, Sahm Venter e Verne Harris.

⁵ O emprego de uma linguagem no sentido conotativo é bastante comum na linguagem poética, literária e nos ditados populares, figuras de linguagens como a metáfora, o eufemismo. A exploração do sentido das palavras, para além do estabelecido nos dicionários.

metáforas ganham corpo na tentativa de nos aproximar à cultura xhosa, na qual Mandela forjou seus primeiros valores, detalhes na descrição das paisagens e dos sujeitos que compõem a biografia, resulta em uma leitura que atrai pelo suspense, a curiosidade e o desafio de um narrador onipresente. A semântica deste texto é capaz de propiciar ao leitor um mergulho íntimo na vida de Madiba, provocando descobertas. Embora todas as biografias analisadas tenham como íntimo o diálogo, entre o estadista e sua vida cotidiana, esta produção biográfica enfatiza essa dinâmica

Ele se tornou um ícone. Sua vida foi apresentada e, inúmeras publicações, de biografias a artigos em revistas especializadas, de filmes comerciais a documentários para televisão, de livros em edições de luxo a suplementos de jornais, de canções de liberdade a poemas de louvor, de websites institucionais a blogs pessoais. Mas quem é ele realmente? O que ele pensa realmente? (HARRIS, 2010, p.15).

Sendo assim, em *Conversas que tive Comigo* é uma biografia direta e coloquial, que oportuniza apreender o que existe por trás da figura pública e emblemática, que ao longo século XX e início do XXI, tomou o palco mundial da política⁶. Verne Harris, diretor do projeto *Centro Nelson Mandela de Memória e Diálogo*, afirma que a biografia apresenta um mundo onde o que está escrito “É ele mesmo, não gerado pelas necessidades e expectativas do público” (HARRIS in FUNDAÇÃO NELSON MANDELA, 2010). Ao compará-lo ao best seller *Longo Caminho para a Liberdade*, considera: “foi fundamentalmente, e intencionalmente, fruto de um trabalho coletivo (...) Afora raros momentos de improviso, são declarações formais de textos cuidadosamente preparados”, dificultando aos leitores apreender a figura para além do líder, o presidente, o representante dos sul africanos”. Deste modo, a novidade desta biografia, segundo Harris, estaria na fuga da representatividade do estadista,

São rascunhos de cartas, discursos e memórias. São anotações (ou rabiscos) durante reuniões, notas em seu diário, relatos de sonhos, registros de seu peso e pressão sanguínea, listas de afazeres. São meditações sobre sua experiência,

⁶ Dividindo-se em cinco partes. Parte I Pastoral, parte II Drama, III Épico, IV Tragicomédia e Informações adicionais em que ainda encontramos quatro apêndices contendo informações sobre cronologia, mapas, abreviações para organizações, pessoas, lugares e eventos.

levantamentos de suas lembranças, conversas com amigos. Aqui ele não é o ícone, não é o santo no andor fora do alcance dos míseros mortais. Aqui ele é igual a mim e a você (HARRIS, 2010, p. 16).

Uma figura como a de Nelson Mandela não foge a *políticas de representação*⁷. Fomos percebendo, ao longo de sua trajetória o quão cuidadoso Mandela apresentou-se quanto a memórias das quais, gostaria de ser lembrado, porém, as cartas íntimas, calendários, bilhetes que vamos encontrando ao longo da biografia, possibilitam a ideia de um intimismo, sendo que o capítulo nove, conta com trinta e um trechos de cartas e conversas,

30- DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SE OS PRISIONEIROS DO MOVIMENTO CONSCIÊNCIA NEGRA⁸ NA ILHA DE ROBBEN ACHAVAM QUE OS PRISIONEIROS DO CONGRESSO NACIONAL AFRICANO (CNA) ERAM EXCESSIVAMENTE MODERADOS

Não, não penso assim, mas vários deles se juntaram a nós e as pessoas tinham concepções erradas a respeito do CNA, porque a primeira coisa que um político faz é ser agressivo com o inimigo. Isso pode estar certo, mas se quisermos educar as pessoas e convertê-las para nosso lado, devemos fazer o que fazemos com os guardas na prisão. Não se pode fazer isso sendo agressivo, pois as pessoas se afastam e reagem negativamente, enquanto uma abordagem mais suave, especialmente quando se tem confiança no argumento, traz resultados muito melhores do que a agressão (MANDELA, 2010, p.228).

A citação dessa entrevista dialoga com uma reflexão de Richard Stengel, ao construir uma linha de pensamento sobre como Mandela tratava com temas difíceis, explicando;

Durante uma entrevista, perguntei a Mandela: você abraçou a luta armada porque julgou que a não violência nunca derrotaria o apartheid ou porque era a única maneira de evitar que o CNA se estilhaçasse? (...)

E então disse: “Richard, por que não ambos?”

Richard: Por que não ambos? (STENGEL, 2010, p.208).

⁷ Stuart Hal em Que “Negro é esse da Cultura Negra? Problematiza as políticas de representação dentro de culturas populares negras e evidencia: Não há como escapar de políticas de representação (Hall, 2003, p.346)

⁸ O Movimento de Consciência Negra era um movimento anti-apartheid voltado para jovens e trabalhadores negros. Promovia o orgulho pela identidade negra. Surgiu em meados dos anos de 1960 como reação ao vácuo político criado pela interdição e prisão contínuas de membros do CNA e do CPA. Teve sua origem na organização dos Estudantes Sul-Africanos (SASO), liderado por Steve Biko fundador do movimento. (FUNDAÇÃO NELSON MANDELA, 2010, p.406)

A luta armada dispôs configurações diferentes e contraditórias ao longo de sua jornada política, bastante alinhada a urgências do contexto e de conflitos políticos da África do Sul.

Barack Obama foi quem elaborou o prefácio de *Conversas que tive Comigo*, de todos os prefaciadores, ele foi quem mais apresentou, em sua própria biografia, pontos que se entrecruzam com as trajetórias de Nelson Mandela. Se conheceriam antes de Barack Obama ser eleito presidente dos Estados Unidos: “e desde então conversamos ocasionalmente por telefone” (OBAMA, 2010, p.13). Barack Obama, cidadão, de um país que assim como a África do Sul, adotou práticas segregacionistas construídas a partir de sua constituição histórica, demarcando até os dias atuais uma desigualdade racial entre às populações norte americanas. Mandela, primeiropresidente eleito democraticamente em 1994, pela sociedade sul-africana e Obama, primeiro presidente negro, eleito em 2008, nos Estados Unidos. Os dois estadistas tiveram a oportunidade de driblar o niilismo destinado, às populações de origem africana e tornar-se autoridade máxima em seus países.

O ano que marcou o nascimento de Obama, 4 de agosto de 1961, daria o tempo necessário para o julgamento por alta traição de Mandela, em Rivonia, onde foi condenado à prisão perpétua. Tinha 45 anos de idade quando tornou-se o prisioneiro 466-64, saiu da prisão aos 72 anos. Nas palavras de Barack Obama,

Como muitas pessoas em todo o mundo, vim a conhecer Nelson Mandela a distância, quando ele estava preso na Ilha de Robben. Para tantos de nós, ele foi mais que um homem apenas; foi um símbolo pela justiça, pela igualdade e dignidade na África do Sul e em todo o planeta (OBAMA, 2012, p.11).

Apesar de Obama, não tecer comparações diretas entre a sua figura e a de Mandela, afirma, constantemente, no prefácio, o quão este líder sul-africano o inspirou: “Ao longo dos anos, continuei a observar Nelson Mandela, com um sentimento de admiração e humildade, inspirado pelo senso de possibilidade que sua própria vida demonstrava, e abismado com os sacrifícios necessários para alcançar seu sonho de justiça e igualdade” (OBAMA, 2010, p. 11). Enfatiza, ao longo de sua escrita, que a biografia prestava ao mundo a oportunidade de conhecer o prisioneiro que tornou-se um homem livre e libertando consigo um país, ao evidenciar nas

páginas daquela biografia sua humanidade, na resistência, imperfeições e sacrifícios, nos levam às responsabilidades para com o comunitário, inscrevendo na humanidade um grande exemplo: “mesmo quando mereceu o descanso, ainda procurou e procura, inspirar homens e mulheres a cumprir o dever” (OBAMA, 2010, p. 13). As palavras recorrentes de Obama são: inspiração, liberdade e respeito, pela sabedoria do homem que pôde sucumbir o ódio pela esperança e, para tanto, arriscou a própria vida, na crença de um futuro de liberdade e igualdade para a África do Sul.

Longa Caminhada até a liberdade, autobiografia de Nelson Mandela, publicada no Brasil em 2012, pela editora Nossa Cultura, com prefácio de Fernando Henrique Cardoso, conta com capítulos que versam desde a sua infância, no interior da África do Sul, até a sua liberdade,

ACORDEI NO DIA da minha liberação depois de apenas algumas horas de sono às quatro e meia da manhã. 11 de fevereiro era um dia típico de final de verão na Cidade do Cabo, sem nuvens no céu. Fiz uma versão abreviada do meu regime normal de exercícios, me lavi, e tomei café da manhã. Então telefonei para várias pessoas do CNA e do FDU na Cidade do Cabo convidando-as para virem até o chalé para se prepararem para minha libertação e trabalhar no meu discurso (MANDELA, 2012, p.685).

Contudo, este caminho para o fim do Regime e para a travessia a um país democrático, se mostrava difícil, conflituoso e o país, naquela década de noventa, parecia estar pronto para entrar em uma guerra interna

O CAMINHO PARA A LIBERDADE estava longe de ser suave. Apesar de o Comitê Executivo Transitório ter começado a funcionar no ano novo, alguns partidos optaram por sair dele. O Inkatha negou-se a participar das eleições e se entregou á política de resistência (MANDELA, 2012, p.751).

Este livro, como afirma, “tem uma longa história. Comecei a escrevê-lo clandestinamente em 1974, durante a minha detenção na Ilha de Robben” (Mandela, 2012). Contou com a colaboração de amigos, profissionais e colegas, entre eles Richard Stengel, Mary Plaff, Fatima Meer, Peter Magubane, Nadine Gordimer e Ezeckiel Mphahlele, Ahmed Katrada, Barbara Makesela, Iqbal Meer, William Phillips, Jordan Pavlin, Steve Scneider, Mike Mattil, Dona

Petersione e a professora, Gail Gerhart, que fez a revisão histórica do manuscrito. Entre a sua equipe de colaboração nos chama a atenção o fato da laureada escritora Nadine Gordimer fazer parte da equipe, pois a linguagem poética, sensível, que apreende o leitor é típica da linguagem literária, assim como, o próprio suspense presente em sua autobiografia. Deste modo, observamos o cuidado de Mandela ao organizar a equipe, que trabalharia ao seu lado, compondo e selecionando registros, para sua autobiografia e posteridade. Outro escritor presente foi Richard Stengel, segundo Verne Harris,

No início dos anos de 1990, Mandela trabalhou diretamente com o escritor Richard Stengel para atualizar e ampliar o manuscrito, tendo Kathrada e outros consultores na função de mais uma supervisão coletiva do processo editorial. O mesmo ocorreu com seus discursos (HARRIS in FUNDAÇÃO NELSON MANDELA, 2010, p.15)

A narrativa propõe um eu comunitário. Mandela, ao narrar a sua vida, visibiliza a história dos milhões de sul africanos que ficaram no anonimato. Maria Manuela Composana de Araújo, em sua tese, trabalha como a identidade discursiva elaborada na autobiografia é uma identidade individual coletiva. Ao estruturar-se deste modo, também torna presente sua inserção na tradição oral africana, que desenvolve um modo de ser que se complementa através de outras pessoas. Mandela é um eu que representa muitas pessoas, um eu que enuncia a voz de uma vivência comunitária, partilhada por um nós. Nesse instante, não apenas referencial para os sul africanos, porém para todos os corpos racializados do continente africano e da diáspora

A identidade discursiva que o corpus literário selecionado revela, projecção dinâmica e solidária da subjetividade humana, ganha ênfase enquanto discurso autobiográfico de primeira pessoa, de emergência do eu, como identidade individual colectiva, o eu escapa ao anonimato humano e social, após a dissolução da sua identidade colectiva primeira, ou desaparecimento da comunidade de origem, regulada por uma epistemologia anónima na tradição oral africana (. . .) (ARAÚJO, 2008, p.28).

Outro aspecto importante desta narrativa é que a distingue das biografias clássicas em que o texto dispõe alguém de quem se fala à distância, na autobiografia, o mesmo que produz a

narrativa também é o referente, “dramatizado por um eu que, simultaneamente é autor, sujeito de enunciação e referente do seu próprio discurso” (ARAÚJO, 2008, p.41) Dos textos trabalhados, essa produção trouxe as maiores reflexões, que forjaram o segundo capítulo. Ao longo das análises era comum que os autores apresentados utilizassem a produção de Mandela como um referencial. Portanto, embora todas as biografias tenham sido cuidadosamente analisadas, a autobiografia também se organizou como eixo central para o diálogo nos próximos capítulos.

Neste exercício, observamos o prefaciador Fernando Henrique Cardoso, no momento em que estava no cargo da presidência da República. Compara Mandela a Mahatma Ghandi e a Marthin Luther King, em um rápido histórico para o leitor, a fim de situá-lo na obra do estadista. Salienta a resiliência e a capacidade de aprendizagem do prisioneiro da Ilha de Robbens para aprender em situações tão adversas. Se “O objetivo da prisão era destruir Mandela. Ele usou o tempo para aprender a conhecer o seu adversário. Aprendeu a falar Afrikaans, a língua do opressor, estudou a sua história e leu sua literatura para compreender seus medos e fantasmas”. (CARDOSO, 2012)

Fernando Henrique também apontou a importância da tradição africana no percurso político – “Mandela reconciliou o continente africano com o seu futuro. Para tanto soube combinar o valor da tradição, inerente a suas raízes africanas, com o cosmopolitismo, a abertura para o mundo” (F.H.C). Igualmente, o prefaciador parece apontar, em seu lugar de enunciação o Brasil da *democracia racial*, país que apresenta contradições, genocídio da juventude negra e indicadores sobre a baixa qualidade de vida dessa população. “Em todas as conversas e encontros que tivemos sempre demonstrou interesse e simpatia pelo Brasil. O que se explica pela rejeição inequívoca pela cultura brasileira de qualquer coisa que se assemelhe à segregação racial” (CARDOSO, 2012).

As produções biográficas e autobiográfica apresentadas são textos produzidos em colaboração com outros documentos, que contribuem para perceber como Mandela experimentou os acontecimentos políticos que forjaram a segregação na África do Sul e, a partir destas leituras, propõe ressignificações ou outras possibilidades históricas.

Em suas biografias e autobiografia apreende-se que a *tradição viva* em África não foi derrotada pela modernidade/colonialidade⁹, e que são as tradições da África do Sul que renovam a filosofia política que orientou Mandela frente a Teoria Política ocidental, estéril de experiências capazes de solucionar problemas ou barbáries que ela mesma produziu, como a segregação racial, os racismos de Apartheid, a divisão humana em hierarquias raciais. Mandela atuou politicamente para a superação de uma das mais brutais e engenhosas formas de dominação política da modernidade, combinando terror, burocracia e racismo. As transformações, ou esse período transitório, adveio das experiências de alguém que, como Madiba, pudesse beber de seu passado, para produzir apelos no presente.

Relembrando esses dias, sou inclinado a crer que o tipo de vida que levei em casa, minhas experiências trabalhando e brincando juntos nos campos, me introduziram muito cedo á ideia de esforço coletivo (FUNDAÇÃO NELSON MANDELA, 2010, p.31).

O zelar com que guardou seus fragmentos escritos são importantes e significativos para compreender os caminhos de Mandela, capaz de flertar com dois mundos sem se embebedar na ilusão da superioridade ocidental. Esses novos espaços se constroem em processos de intervenções e são capazes de reescrever a nossa comunidade humana, inovando e interrompendo a atuação hostil do presente racista e colonialista. Essas literaturas e leituras passam a ser também, a literatura do reconhecimento que todos somos humanos e produzimos resistências.

Tornando-se prisioneiro até 1990, ao sair da prisão narrou, em sua autobiografia: “falei para a multidão em termos muito diretos que o *Apartheid* não tinha futuro na África do Sul, e que o povo não devia desistir de sua campanha de ação de massas. A visão da liberdade iminente no horizonte devia nos encorajar a redobramos os nossos esforços” (MANDELA, 2012, p. 691).

⁹ A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social. QUIJANO, A.. (2010). “Colonialidade do poder e classificação social”. In Santos, B.; Menezes, M.P.(org.). Epistemologias do Sul. Coimbra, Editora Cortez
Modernidade: expressão das experiências coloniais, associada a este longo processo de transformação política do mundo, assim como configuração desses saberes e da percepção desta experiência moderna.

Ao proferir este discurso, Mandela não foi apenas contra o modelo de segregação racial; ele se opôs ao modelo de pensamento ocidental engendrado pela modernidade, em que a raça foi estruturante para aquele país, que tinha na vigência de sua constituição, a sua legalidade. Acredito que inicia naquele momento, uma nova fase para as negociações para a liberdade na África do Sul, ou pelo menos daqueles anos sombrios de sua história, assim como para ao sistema mundo subalternizado.

Neste emaranhado de promessas, a biografia se lança como um documento possível na tentativa de apreendermos, em Mandela a Poética da qual o trabalho se propôs a introduzir; não é o retrato, tampouco a personificação de Madiba que buscamos, eram justamente as pluralidades, as contradições, a humanidade e os caminhos possíveis de um mundo que ainda está por vir, mas que começou a ser semeado naquele pretérito.

De acordo a Vavy Pacheco Borges, sobre o perigo do finalismo ou de um destino pré-destinado, em que retira dos sujeitos suas escolhas,

O perigo de uma falsificação por meio desse finalismo tem de estar bem claro desde o início da pesquisa: é preciso tomar cuidado para não mostrar que a vida se encaminhava para o final que teve, que tudo aconteceu foi para levar a pessoa àquele papel na história, àquele final de vida (BORGES, 2006, p. 224).

Cada uma das biografias, analisadas, trazem um produto novo, a primeira para um protagonista da luta antirracista, cuja biografia não tem como público os segregados do país; uma obra romântica que se apresenta como uma seleção de documentos, dos quais ficaria ao leitor o trabalho da interpretação e juízos de valor. Já na obra de Richard Stengel, cujo enredo e elementos da narrativa apontam uma obra mais contemporânea, em que o autor parece construir a fala em diálogos com Mandela, emerge um narrador onipresente, tecendo ao longo da aventura da escrita pontos de vista sobre os acontecimentos, a partir de suas tradições orais. Em sua autobiografia, o que mais chamou nossa atenção são as memórias da infância e juventude que Mandela sempre trouxe à tona, como um retorno constante aquele tempo; são delas que retiro parte das suas falas minuciosas, em que o passado se torna a chave para o futuro da África do Sul.

Referências

- ALTER, Robert. **Anjos Necessários Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1992.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias Ancoradas Em Corpos Negros**. São Paulo: Educ segunda edição, 2014.
- ARAÚJO, Maria Manuela Jales Camposana de. **Textos Afro-Americanos e Textos Africanos: Dis-cursus do Eu ao Espelho Repartido da Diáspora Discursiva Moderna**. Lisboa, 2008. Tese (Doutorado em Letras, Literatura Norte Americana) Universidade de Lisboa.
- BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **As faces de John Dube: memória, história e nação na África do Sul**. Salvador, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e Misérias da Biografia**. São Paulo: Contexto, 2006
- BURGHARDT, William Edward. **As Almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.
- CHANAIWA, David. A África Austral. **In História Geral da África VIII: África desde 1935**. Editor MAZRUI e WONDJI, Christophe.. Brasília: Unesco, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977
- COLEÇÃO GRANDES CIENTISTAS CLÁSSICOS. Organizador: Flávio R. Kothe. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ed Ática. 1985
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- ÉDOUARD, Glissant. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Editora UFJF. 2001.
- D'ADESKY, Jacques. “**Pluralismo étnico e multiculturalismo**”. Revista Afro-Ásianº19/20, 1997, 165-182. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf
- FRANÇA, Renné; CABECINHAS, Rosa. **Memória, História, Testemunho**. “**A cor da esperança**”: as representações de Nelson Mandela na Revista Veja. Observatório Jornal, vol. 4, n.1, 2010, 289-322.
- FANON, Frantz. **Los Condenados de la Tierra**. México: Fondo de cultura Económica, 1963.
- FANON, Frantz. **Por la Revolución Africana**. Habana: Edicion Revolucionaria, 1966.
- FUNDAÇÃO NELSON MANDELA.. **Conversas que tive comigo/Nelson Mandela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010
- FUNDO INTERNACIONAL DE DEFESA E AUXÍLIO PARA A ÁFRICA AUSTRAL. **Nelson Mandela A luta é minha vida**. São Paulo: Globo, 1989.
- GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KI-ZERBO. **Para quando África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006

- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações do século XIX aos nossos dias.** Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- MANDELA, Nelson. **Longa Caminhada até a liberdade.** Curitiba: Nossa Cultura, 2012.
- MBEMBE, Achile. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Antígona, 2014
- MUNANGA, Kabengele. **Algumas Considerações sobre “raça” ação afirmativa e identidade negra no Brasil: Fundamentos antropológicos.** REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro. 2005-2006
- NICOL, Mike. **Retrato Autorizado.** São Paulo: Altes Trade Editora Ltda, 2007
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: SANTOS, B; MENEZES, M.P (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- SILVA, Márcio Seligman. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes.** Campinas, SP: Editora Unicamp, segunda reimpressão, 2013.
- STENGEL, Richard. **Os caminhos de Mandela.** São Paulo: Globo, 2010.

Recebido em: 18 de setembro de 2016.

Aprovado em: 02 de fevereiro de 2017.